

Hashtag Medo: Uma Análise das Tensões Experimentadas por Meninas no Uso da Internet em Fortaleza, CE¹

Ana Cesaltina Barbosa MARQUES²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

Estudos indicam que os usos da Internet por crianças e adolescentes diferem entre culturas e também por variáveis como fatores socioeconômicos e faixa etária. Informações coletadas pela pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal - que realizou grupos focais com meninos e meninas de 10 a 12 anos em escolas públicas e particulares de Fortaleza (CE), bem como com pais e professores, entre 2014 e 2015 - evidenciaram ainda distinções nos usos marcadas por questões de gênero. O medo da violência, principalmente a de caráter sexual, destacou-se nas falas das meninas e de seus responsáveis ao se referirem à utilização da Internet, especialmente diante do uso de sistemas de redes sociais. A tensão se apresenta como uma experiência cotidiana de violência simbólica.

Palavras-chave: kids on-line; gênero; violência simbólica.

Introdução

As reflexões apresentadas nesse artigo emergem da análise de achados produzidos na etapa brasileira da pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal³, que envolveu grupos de pesquisa da Universidade Federal do Ceará e Universidade Nova de Lisboa entre os anos de 2014 e 2015. Com o intuito de realizar um estudo comparado de acessos, usos e apropriações de mídias digitais por crianças e adolescentes de Fortaleza (Ceará, Brasil) e Lisboa (Portugal), destacando riscos e potencialidades, foram considerados dados quantitativos, produzidos por pesquisas brasileiras e europeias, e também qualitativos, produzidos a partir da realização de grupos focais com crianças e adolescentes (entre 10 e 12 anos), pais e professores de escolas públicas e particulares de ambas as cidades.

A etapa quantitativa considerou dados produzidos pelo estudo EU Kids Online,

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais na América Latina, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), integrante do Grupo de Pesquisa da relação Infância, Juventude e Mídia (UFC). Email: anacesaltina@gmail.com

³ O projeto TIC Kids Online Brasil-Portugal foi desenvolvido entre 2014 e 2015 por meio de uma cooperação internacional coordenada pelas professoras Inês Silvia Vitorino Sampaio (Universidade Federal do Ceará) e Cristina Ponte (Universidade Nova de Lisboa). As pesquisadoras são membros da rede Kids Online América Latina. O projeto recebeu apoio da Capes/Cnpq (Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES No 43/2013) e da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap) (Edital 05/2013 de Cooperação Internacional). A etapa brasileira do projeto foi realizada pelo Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (GRIM-UFC), coordenado pelas professoras Inês Vitorino e Andrea Pinheiro (UFC). A autora deste trabalho é integrante do GRIM-UFC e participou da execução da referida pesquisa.

realizado na Europa desde 2006, envolvendo atualmente 33 países, onde é avaliada a relação entre crianças e adolescentes com as mídias digitais observando fatores de ordem cultural, socioeconômica, educacional e/ou de infraestrutura tecnológica. O Brasil integra a rede de países do projeto, da qual decorre também a rede Kids Online América Latina. A produção dos dados quantitativos brasileiros está a cargo do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br), um departamento do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), que implementa as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet do Brasil (Cgi.br). Relatórios anuais sobre a realidade brasileira vêm sendo publicados pelo Cetic.br anualmente, desde 2013.

A pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal se propôs a contribuir para redução da lacuna brasileira de estudos que investigam a relação de crianças e adolescentes com as mídias digitais. Apesar da conhecida atualidade e relevância social e científica do tema, especialistas consideram que ainda faltam dados para subsidiar a proposição qualificada de políticas públicas de proteção à infância em relação aos usos dessas mídias, especialmente dados que levem em conta as especificidades das culturas locais.

A experiência de coleta de dados qualitativos em Fortaleza (CE), por meio da realização de grupos focais e da análise de conteúdo⁴ das falas registradas dos sujeitos participantes, defrontou os pesquisadores com a ansiedade de pais e professores, e até mesmo das crianças, por informações, discussões e recomendações sobre os usos da Internet e das mídias digitais pelo público infante-juvenil, de modo a facilitar a mediação dessa relação pela família e pela escola.

A discussão apresentada neste artigo também emergiu da experiência de campo, uma vez que a problematização relativa a questões de gênero não estava indicada nos propósitos iniciais da pesquisa. Porém, as diferenças nos padrões de uso da Internet por meninos e meninas destacou-se em todos os contatos com os sujeitos de pesquisa, fossem crianças, pais ou professores. O medo da violência, principalmente a de caráter sexual, foi tema relevante nos grupos focais de meninas, tanto na escola pública quanto na escola privada, bem como na fala de seus pais e responsáveis.

O presente artigo se propõe a apresentar essas vozes que revelam uma violência simbólica cotidiana, marcada por questões de gênero, experimentada na Internet e fora dela. As falas dos sujeitos ouvidos na etapa qualitativa da pesquisa apontam para discussões já amadurecidas por campos como sociologia da cultura, sociologia da infância, estudos de

⁴ A análise de conteúdo das informações coletadas por meio dos grupos focais (GASKELL, 2002) permitiu encontrar categorias que apontavam hipóteses sobre padrões de uso da internet por crianças e adolescentes.

gênero e de cibercultura, entre outros. Neste trabalho, a discussão sobre violência simbólica, de Pierre Bourdieu (2002), serve de anteparo para a análise de conteúdo, na medida em que aponta os jogo de poder inerentes à sociedade hierarquizada. Dados de relatórios nacionais sobre a violência de gênero também foram apresentados e tomados como reflexos mensuráveis da cultura que naturaliza a dominação e a violação do feminino pelo masculino.

Crianças brasileiras online

A coordenadora do estudo europeu EU Kids Online, Sônia Livingstone (2015), rememora em artigo publicado no ano passado que, no início do projeto, em 2006, a Internet era geralmente acessada, na Europa, por conectividade oriunda de uma linha fixa de telefone, por meio de um computador desktop. Muito mudou em aproximadamente dez anos, tanto no continente europeu quanto na América Latina. Entre outras coisas, é frequentemente apontado o surgimento de uma geração que ficou conhecida como "nativos digitais", sujeitos nascidos num mundo conectado por redes digitais de informação e comunicação.

Tais transformações tecnológicas trouxeram novos modos de sociabilidade e produziram estranhamentos geracionais, como aponta Martin-Barbero (2008, p. 22):

É desse lugar que nos olham e ouvem tais sujeitos íntima e estruturalmente mediados por suas interações pela e com a tecnologia. É na trama das interações entre sujeitos onde, hoje, as mediações tecnológicas revelam seu potencial alternativo, por mais que, para os apocalípticos, as mediações tecnológicas signifiquem o contrário: a tendência dos adolescentes ao ensimesmamento, o computador dominando-os como um vício que os isola e desvincula da realidade. Ainda que haja razões para esses temores, as pesquisas sobre os usos que os jovens fazem do computador traçam outro panorama.

Conhecer tais usos das tecnologias de informação e comunicação por crianças e adolescentes brasileiros – como, onde, quando e porque usam as redes – é propósito da pesquisa TIC Kids Online Brasil, conduzida pelo Cetic.br, que coleta, anualmente, dados de crianças e adolescentes de 9 a 17 anos. Informações apresentadas no último relatório, divulgado em 2014⁵, confirmam aquilo que se percebe ao observar o cotidiano de jovens brasileiros: a Internet cada vez mais presente em suas vidas. Em 2012, 47% dos

⁵ BARBOSA, A. F. (Org). TIC Kids Online Brasil 2014: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015. Acessível em: <http://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2014/>

entrevistados afirmaram usar a rede todos os dias ou quase todos os dias. Em 2014, esse percentual subiu para 81%.

Uma das razões apontadas para o aumento do acesso à rede mundial de computadores é a ampliação do uso de dispositivos móveis conectados à Internet, como celulares e tablets. Em 2014, 82% das crianças e dos adolescentes brasileiros usuários de Internet afirmaram acessar a rede pelo telefone celular. No relatório produzido pelo Cetic.br em 2013, esse percentual era de 53%. Cresceu também o uso de tablets (32% em 2014, contra 16% em 2013), enquanto o uso de computadores de mesa caiu de 71%, em 2013, para 56% em 2014.

O acesso a smartphones também demonstra favorecer atividades de comunicação e entretenimento, com destaque para o acesso a sistemas de redes sociais. Esta é a atividade mais frequente entre crianças e adolescentes usuários da Internet no Brasil, mencionada por 73% dos entrevistados de 9 a 17 anos. O uso de sistemas de redes sociais por crianças e adolescentes brasileiros permanece elevado e se mantém estável quando comparados dados dos relatórios de 2012, 2013 e 2014. Enquanto isso, cresce o uso de sistemas de mensagens instantâneas, mencionado por 64% dos jovens usuários brasileiros de mesma faixa etária. No país, jovens com essa faixa etária também mencionam utilizar a Internet para realizar trabalhos escolares (68%), realizar pesquisas (67%) e ouvir música (50%). Jogar sozinho na rede foi atividade mencionada por 42% dos respondentes, enquanto que jogar com outras pessoas foi mencionado por 26%.

Em países como Bélgica, Dinamarca, Itália, Irlanda, Portugal, Romênia e Reino Unido, acesso a redes sociais entre crianças e adolescentes de 9 a 16 anos foi mencionado por 44% dos entrevistados em 2010 e 63% dos respondentes em 2014. Ou seja, tem crescido a adesão à atividade entre jovens desses países, mas os patamares se mantêm inferiores aos praticados no Brasil. Na sequência, foram atividades mais referidas nesses países em 2014: visualização de vídeos (59%); troca de mensagens instantâneas (49%); produção de trabalhos escolares (33%). Jogar foi prática mencionada por 28% dos respondentes.

A pesquisa realizada pelo Cetic.br em 2014 aborda também aspectos de segurança relativos ao uso da rede. A maioria dos pais ou responsáveis que participaram da pesquisa afirma que “estão por perto enquanto os filhos utilizam a Internet” (70%). Conversar sobre como usar a Internet com segurança foi hábito relatado por 81% dos respondentes. Os percentuais apresentados diante das questões acima são maiores que os relatados no ano

anterior (64% e 69%, respectivamente).

Crianças e jovens que participaram da pesquisa realizada pelo Cetic.br em 2014 demonstraram ter estratégias de segurança ao utilizarem a rede: 64% dos usuários entre 11 e 17 anos afirmam saber bloquear mensagens de uma pessoa; e 58% desses declararam saber encontrar informações sobre como usar a Internet com segurança.

O estudo produzido pelo Cetic.br também indica que os tipos de atividades realizadas variam conforme faixa etária e classe econômica. O relatório TIC Kids Online 2014 aponta que atividades relacionadas a jogos apresentam uma maior incidência nas crianças mais novas. 67% das crianças de 9 a 10 anos disseram ter hábito de jogar sozinhas, enquanto que, entre adolescentes de 15 e 17, a prática é relatada apenas por 25% dos entrevistados. Conversar por meio de troca de mensagens instantâneas é mais frequente entre os mais velhos (82% dos jovens entre 15 e 17, contra 37% entre crianças de 9 a 10 anos).

O fator classe socioeconômica se destaca quando a atividade requer maior velocidade de rede, como para realização de downloads - atividade realizada por 36% dos jovens das classes AB; 9% daqueles da classe C; e apenas por 5% entre aqueles da classe DE.

Os dados quantitativos apresentados até aqui permitem afirmar que o acesso à Internet é prática cada vez mais frequente no cotidiano de crianças brasileiras. O uso de sistemas de redes sociais e trocas de mensagens instantâneas estão entre as atividades preferidas pelo público infante-juvenil brasileiro, numa frequência superior à europeia. O consumo de conteúdo de entretenimento, com destaque para jogos, são muito mencionados. Os pais demonstram se preocupar com a segurança dos filhos na rede e as crianças relatam ter conhecimento, em níveis diversos, de mecanismos de segurança.

Se aspectos como faixa etária e classe social definem diferenças sobre o que as crianças e adolescentes fazem na rede, informações coletadas na etapa qualitativa da pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal evidenciaram, ainda, distinções marcadas por diferenças de gênero relativas a atividades praticadas por crianças de 10 a 12 anos de Fortaleza (Ceará, Brasil). Os garotos apontaram para “jogar” como atividade preferida na rede, enquanto as garotas indicaram o uso de sistemas de redes sociais e a troca de mensagens instantâneas.

O planejamento da coleta de dados da pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal

determinou o agrupamento por sexo⁶ para realização dos grupos focais com as crianças e adolescentes. Observou-se que tal estratégia produziu uma solidariedade de grupo que favoreceu certa disponibilidade e abertura para fala entre as crianças e adolescentes participantes, e também evidenciou questões de gênero envolvendo os usos dos dispositivos de comunicação digitais.

O medo da violência de caráter sexual destacou-se no discurso das meninas, bem como na fala dos pais ou responsáveis por meninas, sendo esses discursos especialmente direcionados a supostos agentes agressores do sexo masculino. A tensão foi verificada primordialmente no uso dos sistemas de redes sociais, justamente a atividade apontada como preferida pelas garotas, o que evidencia uma experiência cotidiana de violência simbólica experimentada por meninas usuárias da rede mundial de computadores em Fortaleza (Ceará, Brasil).

Hashtag Medo

A realidade de violência contra a mulher vivenciada no Brasil de hoje esteve refletida nas falas de alunas e alunos, pais e professores que participaram dos grupos focais realizados em Fortaleza (Ceará, Brasil) no âmbito da pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal. São vozes que relatam experiências vividas ou compartilhadas indiretamente de violências física, sexual e/ou psicológica contra a mulher ou o feminino. Tais vozes refletem tensões e precauções que emergem da cultura, em que a desigualdade de gênero beneficia mais frequentemente sujeitos do sexo masculino e estabelece relações de oposição e subordinação.

Autores de um relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) sobre violência sexual iniciam o documento apontando raízes do problema analisado:

A violência de gênero é um reflexo direto da ideologia patriarcal, que demarca explicitamente os papéis e as relações de poder entre homens e mulheres. Como subproduto do patriarcalismo, a cultura do machismo, disseminada muitas vezes de forma implícita ou sub-reptícia, coloca a mulher como objeto de desejo e de propriedade do homem, o que termina legitimando e alimentando diversos tipos de violência, entre os quais o estupro. (CERQUEIRA; COELHO, 2014, p. 2)

⁶ A opção de agrupamento por sexo foi alinhada com a metodologia empregada pela etapa lisboeta do estudo e, também, considerou outras referências sobre o emprego da técnica de grupo focal com crianças. A título de exemplo sobre separação de crianças por sexo em grupos focais, poderíamos citar a experiência de Burckingham (1993), que, ao realizar grupos focais em pesquisa empírica com crianças para estudo de recepção sobre conteúdo de TV, declarou que a divisão por sexo favoreceu a construção de uma solidariedade de grupo que não foi verificada em grupos mistos. O relato da pesquisa está descrito no livro *Children Talking Television* (1993).

O Atlas da Violência 2016, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), indica que treze mulheres foram assassinadas por dia no Brasil em 2014, período de coleta dos dados pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde brasileiro. A taxa de homicídios entre mulheres apresentou crescimento de 11,6% entre 2004 e 2014, o que demonstra a dificuldade de enfrentamento do problema pelo poder público. Dados da extinta Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República indicam que, em 2014, de 52.957 denunciante registraram queixas de violência contra mulher, por telefone, na Central 180. Nessas queixas, 77% das denunciante afirmaram ser vítimas de agressões semanais. Em 80% dos casos, o agressor tinha vínculo afetivo com a vítima, sendo principalmente maridos, namorados ou ex-companheiros.

É desse contexto de prática endêmica de violência contra a mulher que emerge o discurso do medo evidenciado na fala de meninas e seus pais ou responsáveis ouvidos nos grupos focais, fossem de escolas públicas ou particulares. Ao serem questionadas sobre os critérios para aceite de pedidos de amizade em sistemas de redes sociais, por exemplo, meninas de escolas públicas e particulares de Fortaleza relataram cautela – fosse diante da possibilidade de estarem se relacionando com perfis falsos de pessoas supostamente conhecidas ou por receio do comportamento de pessoas conhecidas no ambiente das redes sociais.

M: Facebook, por exemplo. A pessoa pode pegar uma foto de uma amiga sua e botar no perfil. Você começa a falar com a pessoa achando que é a sua amiga e dá informações demais.

Y: Combina de ir no cinema. Quando chega no cinema não é sua amiga. É por isso que a minha mãe tá todo tempo ali. Ela supervisiona. Toda vez que alguém me pede amizade, ela pergunta quem é essa pessoa. Eu vou lá, eu vejo os dados, vejo as fotos, vejo os amigos em comum pra vê se é a pessoa mesmo. Às vezes eu vou até a pessoa, pergunto se ela tem aquela coisa (perfil). Porque minha mãe tá sempre ali, supervisionando.

(alunas de escola particular)

K: Minha irmã tinha um amigo homem que falava, em inglês, coisa imoral pra ela. Aí ela excluiu. A mesma coisa que ele fez com ela, fez com a minha prima.

Mediador: Vocês conhecem alguém que já passou por algo assim? Que tinha um contato no Facebook que não conhecia e precisou excluir?

E: Minha irmã. Tinha amigo da sala que falava coisa imoral e ela teve que excluir.

A: Uma amiga, uma vez, falou um bocado de coisa comigo no Facebook. Disse que eu era burra, falou palavrões... Coisas pra me machucar. Aí eu exclui ela. E no outro dia ela agiu como se nada tivesse acontecido.

(alunas de escola pública)

Foi possível observar que o medo relatado pelas usuárias de internet participantes dos grupos focais direciona-se, primordialmente, para a violência de natureza sexual e para supostos agentes agressores do sexo masculino. Esse medo em específico reflete o contexto de violência sexual contra mulheres no Brasil. O já referido relatório do Ipea sobre violência sexual, divulgado em 2014, indicava registros de 47.646 estupros no Brasil informados em 2011, segundo dados do sistema do Ministério da Saúde (Sinan/MS). Tais números apontam para uma conclusão alarmante: considerando a permanência desse cenário, é possível afirmar que um estupro ocorre a cada 11 minutos no Brasil. Em mais de 92% dos casos de estupro, o agressor é do sexo masculino.

Os dados do Ipea indicam ainda que 89% das vítimas de estupro são do sexo feminino. Crianças e adolescentes representam mais de 70% das vítimas. Para dimensionar o tamanho do problema, o relatório aponta para “mazelas de curto prazo” e “consequências de longo prazo”, entre os quais depressão, fobias, ansiedade, abuso de drogas ilícitas, tentativas de suicídio e síndrome de estresse pós-traumático. (CERQUEIRA; COELHO, 2014).

A violência expressa pela dominação masculina, sustentada por pilares culturais, culmina com as agressões expressas nos relatórios mencionados, mas pode ser experimentada cotidianamente de maneira simbólica, como afirma Pierre Bourdieu:

Se a relação sexual se mostra como uma relação de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (2002, p. 15)

O olhar de Bourdieu (2002) para a cultura aponta os sistemas simbólicos que exercem poderes estruturantes, a “ordem do mundo”, que se sustenta sobre pilares de dominações, entre as quais a do masculino sobre o feminino. Assim, o autor aponta o poder simbólico, e também a violência simbólica, como decorrente do processo de enunciação.

A análise de conteúdo das falas coletadas por meio dos grupos focais evidencia reflexos das tensões entre feminino e masculino nas quais, em geral, o masculino encarna o papel de algoz:

Mediador: Aí, por exemplo, se tem a referência de um amigo. Se for amigo de um amigo...?

A: Eu não gosto de adicionar amigo de amigo, porque eu não conheço.

E: Eu só aceito se eu conhecer. Pessoa estranha, não.

J: Às vezes a gente conhece o amigo do amigo.

K: Eu geralmente adiciono só mulher, porque eu acho mais seguro...
(alunas de escola pública)

Mediador: O que vocês acham que mais preocupa os pais de vocês?

J: Os homens.
(aluna de escola pública)

Numa referência mais direta ao temor da violência sexual, o termo “pedófilo” foi empregado por alunas da escola particular:

Mediador: E sobre as fotos que vocês colocaram ali duas vezes dizendo que são coisas boas, né?

Y: Depende da foto.

C: Depende da foto. Assim, se for uma foto mostrando demais, assim mais pessoal, pode cair em mãos erradas, pode acabar em sites de pedófilos. Eles podem modificar a foto todinha.
(alunas de escola particular)

Entre os meninos ouvidos nas dinâmicas de grupo focal, o medo associado violência sexual não se apresentou como tema relevante. Os garotos apresentaram um discurso mais genérico sobre segurança, em geral associado a relatos de orientações recebidas pelos pais sobre o uso seguro da rede. Entre alunos da escola pública, dois mencionaram aceitar solicitações de contatos, nas redes sociais, de pessoas que não conheciam pessoalmente, destacadamente se fossem mulheres, o que lhes parecia mais seguro.

Apenas uma referência ao risco de violência sexual a um menino foi apresentada na fala de uma aluna da escola privada, ao mencionar cuidados com o irmão. O dado reforça a ideia de que essa é uma preocupação primordialmente feminina:

Y: Meu irmão, ele vivia aceitando pessoas que ele não conhecia direito. Uma mulher bonita, aí pronto aceitou. Um dia eu fui lá no perfil dele, porque eu tava preocupada com isso. Mas ele pediu pra eu não contar nada para os meus pais. No perfil dele tem um monte de gente que eu conheço, várias pessoas que ele conhece, um monte de gente que eu nunca tinha ouvido falar. Eu perguntei: “P., quem é essa menina?” “Ah, é uma menina aí que pediu amizade.” “Tu vai aceitar?” “Vou.” Aí eu fui falar com os meus pais. Ele tá de castigo agora.

L: Tu falou?

Y: Falei! Se fosse um pedófilo ou uma pedófila?
(alunas de escola privada)

Selfie, coisa de menina

Envolvidos pelo "imperativo da visibilidade", de que nos fala Paula Sibilia (2008), crianças e adolescentes vivem cotidianamente o dilema de se exporem na rede -

acompanhando a dinâmica da sociedade do espetáculo, em que aquilo que não tem visibilidade corre o risco de não existir – ou seguir as prescrições de privacidade que lhes garantiriam suposta proteção. Experimentam, assim, um jogo de mostra-esconde, regado por normas de conduta prescritas também pelas culturas de gênero.

Observando as prescrições de gênero oriundas da cultura dominante entre relatos das crianças e adolescentes participantes dos grupos focais em Fortaleza, no âmbito da pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal, a exposição do corpo e as preocupações decorrentes dessa exposição são mais frequentes entre as meninas do que entre os meninos. Garotos da escola particular chegam a identificar a publicação de fotos em sistema de redes sociais como uma prática primordialmente feminina:

Mediador: O que vocês acham dessa exposição de imagens?

R: Tipo assim, é só o “selfie” lá.

M: Essas meninas, não sei não. É doença. Só Facebook e Instagram.

R: É doença demais isso aí. Meu Deus!

Mediador: Porque vocês acham que as meninas gostam mais disso?

M: Sei lá, porque elas gostam de foto.

(alunos de escola privada)

O apelo para a exposição dos corpos femininos parece ser guiado pela difusa cultura midiática que utiliza o corpo feminino como suporte para diversas estratégias de marketing, mas pode também se apresentar de forma explícita, como contou a aluna de escola pública que disse ter se deparado com convite literal para exposição de si:

Mediador: Vocês souberam de alguém que já mandou (fotos ou vídeos com exposição de corpo nu)?

R: Já vi no Facebook. A menina postou foto nua dentro do banheiro.

J: Tem uma campanha que diz assim “mostre que você é mulher”. Aí manda enviar uma foto nua.

E: No Face do meu irmão é só o que mandam. As meninas sem blusa, de sutiã e calcinha...

(meninas de escola pública)

Reforçando a ideia de que o apelo à exposição da imagem do próprio corpo é mais direcionado às meninas, alguns garotos de escola pública relataram não ter hábito de publicar fotos próprias, preferindo fotos captadas na rede. A exposição do próprio corpo não pareceu ser uma questão relevante entre meninos, exceto na fala de um garoto, aluno de escola pública, que afirmou ter tido a própria imagem captada e exposta na rede por um colega sem seu consentimento. A imagem teria sido gatilho para agressões de colegas nas redes sociais. Vale destacar que as agressões relatadas relacionavam a imagem do garoto ao feminino:

Mediador: Com o celular ficou mais fácil tirar foto. Já aconteceu de alguém tirar fotos que vocês não gostaram, e mesmo assim colocarem na rede social?

G: Sim, meu amigo bateu foto minha e mostrou para todos. Teve comentários e curtidas, eu não gostei e tirei.

Mediador: Quais?

G: Muito comentário ruim, porque era palavrão. Um menino disse que eu era “viado”. Por isso não tiro mais foto.

(aluno de escola pública)

Importante ressaltar que a violência de gênero não aponta somente para as fronteiras que dividem biologicamente homens e mulheres, mas incide de modo mais amplo sobre o feminino e, dessa forma, inclui entre seus alvos sujeitos que se orientam sexualmente em direção ao feminino. Isto porque ser homem ou ser mulher não é fato determinado pela biologia, como declarou Simone de Beauvoir com sua célebre frase “Não se nasce mulher; torna-se” (1980).

O medo da violência pauta o discurso parental sobre o uso dos dispositivos móveis, bem como rege as relações de privacidade entre pais e filhos. Ressalta-se que os relatos coletados entre os pais participantes dos grupos focais, fossem de escola pública ou particular, versam sempre sobre a exposição de corpos femininos, e nunca de corpos masculinos:

M: A minha tia é professora de uma escola particular no interior. [Ela contou que] uma das alunas tirou foto nua ou seminua. Tavam achando bonito, porque agora é moda, né? Mas passou pra algumas amigas e as amigas disseminaram a mensagem, a cidade inteira viu. A mãe ficou em depressão, a família não tinha mais o que fazer. O que me preocupa, em termo dessas exposições, é porque eu observo uma evolução maléfica. Então eu lembro que, 5 anos atrás, uma mãe comentou que a filha mais velha, na faixa etária de 15, 16 anos, estava numa escola e as meninas iam pro banheiro, batiam uma foto do órgão genital, só do órgão genital, e enviavam para os amigos. "Adivinha de quem é?" Isso na época já me chocou muito.

(mãe de escola particular)

É possível perceber como o discurso parental adere à cultura de imposição de limites às meninas em relação aos seus corpos, qualificados como “sagrados” pela cultura, como afirma Bourdieu. O autor, na obra *A dominação masculina* (2002), discute o processo de socialização das meninas em que elas apreendem regras de boa conduta moral e corporal conjuntamente. Bourdieu nos lembra que a moral feminina se impõe por meio de disciplina relativa às partes do corpo “que se exerce continuamente através da coação quanto aos trajes e aos penteados” (2002).

No grupo focal de pais realizado em escola particular, uma mãe relata as orientações dadas à filha para evitar a exposição do corpo e, conseqüentemente, os assédios. Ao monitorar o uso pela filha do sistema Facebook, a mãe se disse “aterrorizada” ao ter acesso aos diálogos travados entre a filha e os perfis “amigos”, entre os quais havia pessoas da escola e até da igreja que a família frequenta:

M: Tinha conotação de violência, tinha conotação sexual. Então, eu conversei muito com ela: "você não bata foto de biquini, não bata foto com poses, você não faça selfies". Tudo isso tá na moda, né? Ela botava e fazia. Quando ela botava, vinha um com uma conversa e dizia: "eu quero teu telefone, gatinha". Mas não era só esse tipo de conversas, eram conversas pesadas mesmo.
(mãe de escola particular)

Ainda no grupo focal de pais da escola particular, outra mãe relatou o medo de sua filha de ter a imagem captada por colegas da escola e exposta da rede sem o seu consentimento:

P: A minha menina tem 15 anos, então, assim, ela tem Face. (...) Está naquela fase de festa de 15 anos agora. Teve uma festa, foi banho de piscina, um churrasco. Ela chegou em casa muito preocupada porque notou que um colega estava batendo foto e ela estava com medo de parar na Internet. Ela chegou [em casa] com um preocupação imensa. Tanto é que não tira mais o short, fica de short, e já não está se divertindo, porque sabe que tem amigos que estão ali e sabe... Ela já viu esse colega fazer tudo isso.
(mãe de escola particular)

A mesma cultura que domestica meninas para a docilidade e o recato age sobre os meninos de modo a viriliza-los, afirma Bourdieu (2002). Ora, o acesso a imagens ou vídeos de conteúdo sexual por meio da Internet foi relatado por 29% das crianças e jovens respondentes da pesquisa do Cetic.br em 2014, sendo a maior parte desses meninos. Os relatos captados por meio dos grupos fazem referências a imagens sempre de corpos femininos.

R: Os meninos só mandam vídeo imoral.
E: Os meninos são mais...
R:... Tarados.
K: É. Pedem pras meninas tirarem fotos e mandar.
(alunas de escola pública)

A força da cultura produz violência de gênero também de mulher para mulher. Exemplo disso é o recorrente discurso de culpabilização da vítima pelas agressões sofridas. Entre as meninas da escola pública, evidenciou-se esse tom:

E: No antigo colégio que eu estudava, tinha um menino que namorava com uma menina e ele pediu foto dela nua. Aí ela enviou. Quando ela mandou, ele passou pra todo mundo na escola. Aí riam dela, ficou passando de celular em celular.

M: Mas besta foi ela de ter mandado.

Mediador: Mas quem errou aí foi só ela? E ele, não cometeu nenhum erro aí, não?

R: Foi ele, porque ele passou.

E: Eles dois. Porque foi ela quem mandou e ele espalhou.

J: E as outras pessoas também, que ficaram passando.

E: Mas quem tem mais culpa é ela.

R: Porque ela que mandou.

(alunas de escola pública)

Considerações finais

Os dados coletados pelas pesquisas EU Kids Online, TIC Kids Online Brasil e TIC Kids Online Brasil-Portugal permitem afirmar que o acesso à Internet é prática cotidiana na vida de crianças e adolescentes brasileiras. A frequência de acesso do público infanto-juvenil brasileiro aos sistemas de redes sociais é elevado, quando comparado a padrões de acesso de países europeus, sendo essa a atividade dita como a mais realizada na rede por este público.

Há fatores que modificam os padrões de uso da Internet por crianças e adolescentes, como faixa etária e classe social. Porém, a pesquisa TIC Kids Online Brasil-Portugal encontrou resultados relevantes associados a variável gênero, ao realizar grupos focais com meninos e meninas entre 10 e 12 anos, em Fortaleza (CE), bem como com pais e professores, em escolas públicas e privadas, no período entre 2014 e 2015. Jogar foi apontada como atividade preferida por garotos, enquanto as garotas indicaram o acesso a sistemas de redes sociais e troca de mensagens instantâneas.

Outro ponto que as informações coletadas por meio dos grupos focais indicou é que a experiência das garotas, ao acessarem as redes sociais ou utilizarem as plataformas de trocas de mensagens instantâneas, é marcada pelo medo da violência de gênero, especialmente de caráter sexual. Os discursos de medo apontam para uma imagem de um suposto agente agressor do sexo masculino. Ficou evidente, ao buscar dados sobre violência de gênero no Brasil, que o medo revelado reflete uma cultura de violência de gênero cotidiana vivenciada no país.

A audição dos garotos de mesma faixa etária demonstrou o quanto a variável gênero é importante para determinar a experiência de violência, inclusive online. Entre os meninos ouvidos nas dinâmicas de grupo focal, o medo associado violência não tomou espaço como

tema relevante, tão pouco violência sexual. Os garotos apresentaram um discurso mais genérico sobre segurança, em geral associado a relatos de orientações recebidas pelos pais sobre o relacionamento com estranhos por meio da rede.

Sendo o corpo feminino alvo preferencial desse investimento violento, o discurso parental sobre o uso dos dispositivos móveis aparece mais incisivo e regulador na direção das meninas, com o suposto intuito de evitar a exposição de si e, portanto, o assédio e o risco de sofrer violência. Assim, meninas vivenciam cotidianamente essa experiência dúbia: atender ao imperativo da autoexposição ou seguir as recomendações de resguardo da própria imagem para minimizar riscos na rede e fora dela.

Os relatos apontam para um cotidiano de violência simbólica (Bourdieu, 2002) vivenciado pelas meninas usuárias da Internet em Fortaleza (CE). Tal violência se funda na relação desigual entre feminino e masculino, naturalizada pela cultura e manifesta pela dominação e violação do feminino pelo masculino, inclusive nas experiências online.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. F. (Org). **Tic Kids Online Brasil 2014: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2015.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo - fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CERQUEIRA, D.; COELHO, D.S.C. **Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde**. Brasília: IPEA, Diest, n. 11, 2014.

CERQUEIRA, D. et al. **Atlas da Violência 2016**. Brasília: IPEA, Diest, n. 17, 2016.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais**. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

LIMA, R. S. (Org.) **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2015**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2015. ISSN 1983-7364

LIVINGSTONE, S. et al. **Developing a framework for researching children's online risks and opportunities in Europe**. London: LSE, 2015.

LIVINGSTONE, S. et al. **EU Kids Online: Findings, methods, recommendations**. London: LSE, 2014.

MARTIN-BARBERO, J. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre jovens**. In: BORELLI, S.; FREIRE FILHO, J. (Org.), *Culturas Juvenis no século XXI*. São Paulo: Educ, 2008.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.